

## A IMPORTÂNCIA DO DEBATE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monique Oliveira Barbosa da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo pretende contribuir com o debate sobre raça e gênero, incluindo a representatividade da mulher negra na sociedade e suas bandeiras de lutas. Considerar a importância do debate no ambiente escolar, como ponto de partida, entender sobre a representatividade, por meio da elaboração de atividades pedagógicas, como: debate, cine-debate, seminários, roda de conversa, que possibilitará e contribuirá para o enriquecimento do saber e intensificar a luta contra a opressão, que são causas do sistema capitalista, que estão imersos ao patriarcado, machismo e o racismo, o próprio sistema legítima/legitimou o racismo, e a violência de gênero entre mulheres negras e o povo negro. As mulheres negras são referências históricas e contemporâneas, que lutam para garantir que a sociedade venha reconhecer a importância das suas lutas e vivências. Nas leituras corriqueiras ao logo do texto, traz referências como a Ângela Davis, representações de mulheres que contribuíram e contribuem para a emancipação da luta do movimento negro, o feminismo negro, salientando cada vez mais que o debate tem que ocorrer no ambiente escolar, pois onde este é um grande avanço para pensar numa sociedade mais igualitária e antirracista.

**Palavras-chave:** representatividade; mulher negra; ambiente escolar.

### 1 INTRODUÇÃO

A representação do movimento negro é uma luta do campo democrático, que se movimenta nas lutas primordialmente entre raça e classe. Indissociáveis para as relações sociais, que neste contexto, ganha-se o enredo as lutas em referência a mulher negra e suas relações. Contudo é preciso movimentar a importância da discussão, dos diálogos, em espaços que podem ser um caminho para a visibilidade, e assim sugerido os espaços escolares.

O artigo nos convoca a pensar novas possibilidades de interação, informação e fortalecimento das bandeiras de lutas das mulheres negras, tanto para crianças, adolescentes e mulheres adultas que frequentam o ambiente escolar. Logo, é relevante compreender sobre a importância das suas representações no quesito raça, e para a sociedade, que pela construção histórica ainda é racista e excludente.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: monick.oliveira7@hotmail.com

A partir desse caminho, nos permitirá a desenvolver diálogos, debates, seminários e cine-debates, que ajudará a criar redes de solidariedade e promoverá uma política de aceitação e igualdade, e no decorrer deste processo o respeito acima de quaisquer questionamentos.

Portanto, as mulheres negras buscam o seu lugar de fala, suas lutas reconhecidas, desde as suas raízes históricas, que não é propriamente pelo reconhecimento no mercado de trabalho, ou aceitação nesses ambientes, que dito podem ser seletivos e frequentadas por pessoas majoritariamente brancas. A mulher negra ela é uma mulher que luta, que busca a sua qualidade de vida, ser ouvida, e ser representada. E desconstruir tudo o que as oprimem, é pensável construir o debate dentro dos espaços escolares, desde o ensino fundamental até o ensino superior, pois a vida das mulheres negras importa, e merecem destaque, sem precisar ter que passar por um esquadão de portas brancas e sim por mais igualdade e respeito.

## **2 A IMPORTÂNCIA DAS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS**

O patriarcado, machismo, e o racismo e as mazelas da colonização, um dos condicionantes, que influenciaram para tornar a luta das mulheres negras legítima, e a efetivação na luta do feminismo, formulando assim, uma posição de visibilidade na sociedade civil. A busca pelo voto, direito de todos sem exceção, por salários igualitários, direito a escolha, em ser o que quiser, que na sua solicitude ganha veracidade, porém quando está inserido em uma sociedade capitalista, que na sua construção histórica tem em sua hegemonia ser racista, machista e patriarcal, desconstruir isso, é preciso se organizar, para combater todas as opressões, e neste caso, compreender e fortalecer as bandeiras de lutas do feminismo, no caso as mulheres negras, sofrem com os efeitos provocados pelos agentes históricos, que fomentaram o racismo, o machismo, a segregação, e a desigualdade. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fomenta em um dossiê que: “Outro conjunto de questões importantes para a análise das desigualdades raciais percebidas entre as mulheres refere-se às características e à conformação dos arranjos familiares entre os diferentes grupos raciais.”

A luta não é pela superioridade feminina, a luta é ocupar os espaços e ter direito de voz, combater todos tipos de opressões desta sociedade, a violência, que sistematiza todo o contexto do quanto o feminicídio é tão crescente. Visto que, a sociedade tenta o tempo todo introduzir,



que lugar da mulher é dentro de casa, cuidar do matrimônio, ter filhos e os fazeres domésticos, se for considerar o histórico de lutas, as mulheres sempre esteve à frente na produção de bens e serviços, para manter a sua qualidade de vida familiar, Segundo Saffioti (1978, p. 7):

A MULHER das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental.

Prontamente a mulher negra tem o total direito de escolher ser e fazer o que ela quiser, se vestir, e sentir bem na verdade, o auto conhecer, sem ser julgada ou discriminada por ser uma mulher empoderada. Diante disso, o modelo que é imposto na luta do feminismo se consagra, porém há um outro dialogo que não chega nem perto dessa construção e realidade histórica de luta.

Nesta perspectiva, as mulheres que passaram suas vidas a dedicar-se a sua família, ajudar a mãe desde os nove anos de idade, sair para trabalhar em casa de família, então garantir a sua subsistência, ter que sustentar seus irmãos, pode-se pensar num futuro? como: - Quando crescer, vou ter minha casa, meu esposo e meus filhos, vou ter mais tranquilidade. E com isso, estabelecem relações como ter um matrimônio. Em alguns casos, sendo condicionada a ser submissa ao esposo, as vezes submetidas a atos de violência, como agressão físicas, e sexual, no caso, muitas delas vítimas de estupro, que veementemente são silenciadas, as mesmas se viram sozinhas, tem que trabalhar, cuidar do esposo, dos filhos e da casa, e aí que toda essa construção do saber da luta feminista classista, deveria se perguntar, mas e a vida da mulher negra? Seus espaços de lutas? Sua independência? Como fica a luta feminista? E como ponto de pauta, aplica-se então, a solidão da mulher negra, que não é somente seu lado sentimental, e sim a sua história, e o seu lugar. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

As discriminações de gênero e raça não são fenômenos mutuamente exclusivos, mas, ao contrário, são fenômenos que interagem, sendo a discriminação racial frequentemente marcada pelo gênero, o que significa, portanto, que as mulheres tendem a experimentar discriminações e outros abusos de direitos humanos de forma diferente dos homens (IPEA, 2003, p. 5).

A partir das tais problemáticas, empenha-se para o debate e discussões sobre a importância da mulher negra, em sua construção histórica, no qual foi submetida a ser uma objetivação em todos os aspectos, sociais e sexuais, principalmente no contexto contemporâneo

das telenovelas, séries, e filmes, estão quase sempre abaixo do contexto das mulheres independentes, que eram e são representadas por mulheres altas, brancas e magras, e assim as mulheres negras eram condicionadas a fazerem atuações como: empregada, baixa, e não magras, que cuidava do apartamento e mansões, e figurar papéis, como ser a amante do patrão, que isso produz ainda mais o racismo estrutural e cultural.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (DAVIS, 1981, p. 24).

As mulheres negras precisam ter maior visibilidade, espaço de luta e de poder, e o processo primordial nesse quesito é a desconstrução e a reparação histórica, pois as mesmas fazem parte da escala estrutural dos movimentos feministas no país e no mundo. E com isso, encaminha-se ao debate, um breve histórico de como foi estabelecida a luta feminista das mulheres negras, que acontecia nos EUA, na década de 60.

Um dos objetivos principais do Feminismo Negro, trata-se da reformulação das estruturas sociais, através da abolição de opressões impostas às mulheres negras, que por sua vez, ocupam a base das pirâmides sociais no sistema racista-patriarcal (MORAIS, 2019, p. 2).

Com este objetivo segue a lógica de qual vertente do debate político estamos nos enquadrando e não deslegitimando as lutas feministas, porém o papel deste artigo é colocar a frente o debate a importância das representações das mulheres negras no ambiente escolar, para que as meninas e mulheres reconheçam as suas lutas, e que isso vai muito além de representatividade, é desconstrução, é visibilidade, é posição, é sociedade, é dizer que toda Preta é bem-vinda, romper as barreiras do racismo, lutar contra o racismo, que também é um dos condicionantes de fortalecimento da luta do feminismo negro. Como exemplo deste fortalecimento, o quadro 1 exhibe autoras negras e suas obras que tratam sobre esta visibilidade.

**Quadro 1** – As mulheres históricas e contemporâneas que deram visibilidade a luta da mulher negra na sociedade e algumas de suas obras destacadas

AUTORAS	OBRAS
<b>Patrícia Hill Collins</b>	Socióloga – Doutora em Sociologia Autora do livro: <i>“Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment”</i> , 1990.
<b>Bell Hooks</b>	Filósofa – Professora ativista Suas referências são livros sobre: Interseccionalidade de raça, capitalismo e gênero, autora do livro – <i>“Ain’t I a Woman?”</i> 1981.
<b>Audre Lorde</b>	Ativista e escritora Autora do Livro – <i>“Sister Outsider”</i> , 1984.
<b>Angela Davis</b>	Filósofa e ativista Autora de diversos livros, como: <i>“Mulheres. Raça e Classe”</i> , 2016.
<b>Kimberlé Williams Crenshaw</b>	Advogada e Professora Autora do Livro: <i>“Critical Race Theory: The Key Writings That Formed the Movement”</i> , 1996.
<b>Alice Walker</b>	Escritora e Poetisa Autora de romances e contos: <i>“In Love and trouble: Stories of Black Women”</i> , 1973.
<b>Sueli Carneiro</b>	Filósofa e Escritora Brasileira Autora do livro: <i>“Mulher Negra, 1985. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”</i> , 2011.
<b>Carla Akotirene</b>	Investigadora e Escritora Autora do Livro: <i>“O que é interseccionalidade?”</i> 2018.
<b>Lélia González</b>	Historiadora, Filósofa e Doutora em Antropologia Política Autora do Livro: <i>“Lugar de Negro”</i> , 1982.
<b>Juliana Borges</b>	Ativista e Escritora Autora do Livro: <i>“Encarceramento em Massa”</i> , 2019.
<b>Mireille Fanon-Mendès-France</b>	Advogada e Ativista Autora do livro: <i>“Coleção Frantz Fanon de Textos de Mireille Fanon Mendes França”</i> , 2013.
<b>Chimamanda Ngozi Adichie</b>	Escritora Autora do Livro: <i>“Para Educar Crianças Feministas – Um manifesto”</i> , 2017.
<b>Jurema Werneck</b>	Médica e Doutora em Comunicação e Cultura Autora do livro: <i>“O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe”</i> , 2000.
<b>Barbara Smith</b>	Escritora e Ativista Autora do livro: <i>“The Truth That Never Hurts: Writings on Race, Gender and Freedom”</i> , 1998.
<b>Joice Berth</b>	Arquiteta e Urbanista Autora do Livro: <i>“Empoderamento”</i> , 2019.

Fonte: MORAIS, 2019.



A importância de destacar essas mulheres que somam na luta do reconhecimento histórico, em todas as vertentes, científica e social, é muito importante, principalmente quando o interesse é levar para a escola o diálogo, o debate, e pra que isso efetive, é ter um arcabouço teórico de mulheres negras que têm seu posicionamento e entende a importância de ser uma mulher negra, diante de uma sociedade tão racista, individualista e excludente.

No Brasil, temos uma percussora, a filósofa Djamila Ribeiro, autora dos livros “*Quem tem medo do feminismo negro?*” e “*Lugar de fala*”, cujos os mesmos surgem como referências intelectuais, para agregar o conhecimento e o fortalecimento das bandeiras e pautas do feminismo negro e o combate ao racismo estrutural, institucional e o cultural.

### **3 “VIDAS NEGRAS IMPORTAM” MOVIMENTA-SE O DEBATE DE RAÇA E GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR**

“*Black Lives Matter*” – Vidas negras importam, é um movimento ativista internacional que ganhou maior visibilidade na comunidade afro-americana, que tem como as suas principais bandeiras de lutas contra o racismo e a violência direcionadas às pessoas negras.

Vidas negras importam – traduzindo para o português, surgiu no ano de 2013, em torno das mídias sociais, o movimento se destacou após as manifestações de rua, contra a crueldade do estado, após a morte de dois afro-americanos, e desde então, o movimento se destacou em uma escala mundo e assim ultrapassando as suas fronteiras e fortalecendo as bandeiras de lutas do povo negro.

O povo que sofre/sofreram com atuação racista do Estado, e do sistema opressor capitalista, que lutam por ter seu espaço de luta e poder, vidas negras importam, vai muito além de um movimento unificado mundialmente. É destinar a igualdade de raça, e seus direitos reservados e constituídos.

Os caminhos para a construção do diálogo e organização para o fortalecimento, tem que acontecer na base, e nada tão plausível que a escola pública, que permite uma abrangência de discussão teórico-prático das representações negras, nesta perspectiva as mulheres negras e suas bandeiras de lutas.

Construir uma base a partir da escola, pode ser uma das eficácias para o debate se tornar um exercício do campo democrático. Segundo Perrenoud (2005, p.9-10):

A escola no combate pela cidadania se esse combate não se engajar em outras frentes, de forma plausível e coordenada: emprego, imigração, urbanismo, segurança, divisão das riquezas, acesso à saúde, seguridade, relações norte-sul, estatuto das minorias, sistema judiciário e penal, etc. ENSINAR ALGO MAIS? Se pretendemos que a escola trabalhe para desenvolver a cidadania, se acreditamos que isso não é tão óbvio nem tão simples, temos de pensar nas consequências. Isso não se fará sem abrir mão de algumas coisas, sem reorganizar as prioridades e sem levar em conta o conjunto de alavancas disponíveis: os programas, a relação com o saber, as relações pedagógicas, a avaliação, a participação dos alunos, o papel das famílias na escola, o grau de organização da escola como uma comunidade democrática e solidária. Portanto, não bastaria substituir a instrução por uma educação moral invasiva, nomeando-a de "educação para a cidadania" para ser moderna. É preciso agir em pelo menos três registros: 1. Permitir a cada um construir os conhecimentos e as competências necessárias para fazer frente à complexidade do mundo e da sociedade; muitos alunos saem da escola desprovidos de meios intelectuais para se informar, para formar uma opinião, para defender um ponto de vista através da argumentação. 2. Utilizar os saberes para desenvolver a razão, o respeito, à maneira de ser e a opinião do outro [...] 3. Consagrar tempo, meios e competências e inventividade didática em um trabalho mais intensivo e continuado sobre os valores, as representações e os conhecimentos que toda democracia, todo contrato social pressupõe.

Compreender a importância da discussão e o debate das representatividades nas escolas, porém é abordar temas com ênfases destinados a incorporar um diálogo entre raça e gênero no ambiente escolar, contudo isto implicará no quesito o planejamento curricular, pois os presentes temas não fazem parte do currículo tradicional, talvez pelo fato de que as instituições não reconheçam a importância da luta de raça e gênero, e nessa perspectiva é observável que o sistema é racista.

Os caminhos emancipatórios para a criação de possibilidades de diálogos, através de atividades pedagógicas, teórico-práticos, um novo olhar para o mundo, sem exceções, e considerar a luta das mulheres negras, como um dos papéis fundamentais para a construção da história, e do convívio social, é então, desenvolver uma rede de solidariedade, e a escola como espaço e construção de luta e o movimento destas mulheres, pois o ambiente escolar, no contexto escola pública, tem como em sua maioria as mulheres negras.

Portanto através dos debates, cine-debates, diálogos, construção de seminários, rodas de conversas dentro da escola, possibilitará trazer a consciência de que, as mesmas serão capazes de ser o que quiserem, e ocupar os espaços de direito, o seu lugar de fala, ter posicionamentos livres, e isso sobretudo uma vitória para todas as mulheres, e isso inclui raça e gênero, que são um dos fatores que perpassa as desigualdades, inerentes do sistema capitalista, que é racista, individualista e patriarcal.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No tocante às proposições supracitadas, o presente artigo e as observações apresentadas, teve como intuito considerar a importância do diálogo sobre as bandeiras de lutas e representações das mulheres negras no ambiente escolar. Todavia é preciso reconhecer isso na escola, pois é nesse espaço que introduz o saber e o conhecimento, e as vidas das mulheres negras é importante, pois mulheres negras que ocupam os espaços escolares, compreenderá a importância do acesso a uma educação pública de qualidade, que se estabeleçam e reconheçam as suas bandeiras de lutas, além das primícias de ter uma educação de qualidade, saúde e acompanhamentos de assistências, empregos com salários justos, moradia e acessibilidade, é levar essa importância da luta para o ensino nas escolas. Assegurar que a igualdade será muito mais que uma pauta na luta contra o racismo, a violência direcionadas ao povo negro, pois as mulheres negras, elas lutam diretamente para combater diversas opressões, lutam também para findar o racismo institucional, estrutural e cultural, logo, para às gerações futuras, a sociedade venha se estruturar antirracista.



## REFERÊNCIAS

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

IPEA (2003). **Retrato das desigualdades: gênero, raça**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

IPEA. **Dossiê Mulheres Negras**. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_dossie\\_mulheres\\_negras.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2022.

MORAIS, Yasmin. **“O Que é o Feminismo Negro?”**. Medium, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/feminismo-negro-uma-breve-hist%C3%B3ria-85469d357215>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.